



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

SEXUALIDADE NA VELHICE: UMA ANÁLISE NARRATIVA NA ÓTICA DE IDOSAS PROFISSIONAIS DO SEXO APOSENTADAS

Geovanna Forte Escórcio¹
Luiz Victor Coelho Albuquerque²
Rodrigo da Silva Maia³
Universidade Federal do Ceará (UFC)

INTRODUÇÃO

De acordo com Debert (1994), pode-se definir a velhice como uma categoria que não está completamente dada no aspecto biológico, mas, juntamente a isso, se define por um constructo produzido socialmente.

Faz-se, assim, uma distinção entre um fato universal e natural – o ciclo biológico, do ser humano e de boa parte das espécies naturais, que envolve o nascimento, o crescimento e a morte – e um fato social e

¹ Graduanda do sétimo semestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - campus Sobral (CE); Membro do Laboratório de Estudos das Desigualdades & Diversidades (LAEDDES) e da Liga Acadêmica de Direitos Humanos (LADH) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA). Bolsista PIBIC - voluntária na pesquisa "A dor e a delícia de ser o que é: satisfação e sofrimento em docentes na Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral".

² Graduando Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - campus Sobral (CE).

³ Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará (UFC), Campus Sobral, vinculado ao curso de graduação em Psicologia e ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Psicologia e Políticas Públicas, como professor permanente. Atualmente, ocupa o cargo de Tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) Psicologia - Sobral. Possui graduação em Psicologia (2011), especialização em Psicologia da Saúde, Desenvolvimento e Hospitalização (2014) e em Neuropsicologia Clínica (2016), Mestrado (2014) e Doutorado (2018) em Psicologia, todos títulos obtidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

histórico que é a variabilidade das formas pelas quais o envelhecimento é concebido e vivido. (DEBERT, 1994, p.8)

A partir disso pode-se inferir que as representações da velhice, isto é, o recorte etário usado para identificar indivíduo idosos, e, sobretudo, o papel do idoso em sua comunidade são produções sociais específicas, portanto situadas em uma conjuntura sócio-histórico-cultural.

Deste modo, no ocidente, em um contexto de capitalismo exacerbado, o idoso foi encoberto por uma imagem de vulnerabilidade e incapacidade, produto da exclusão e estigmatização dos indivíduos que não mais contribuem diretamente para o mercado produtor. Assim, cabe à gerontologia e à geriatria - assim como outros saberes -, a partir do século XX, se responsabilizar por inverter essa perspectiva, por meio da concepção de uma velhice bem sucedida, na qual seria possível ao idoso gozar das mesmas atividades que os sujeitos de outras faixas etárias, sobretudo sendo ativo em experiências do curso de vida sexual. Em vista disso, uma vida sexual ativa torna-se extremamente importante na produção do constructo de uma velhice bem-sucedida, e que deve se opor à imagem da velhice - enraizada na concepção de um idoso vulnerável e incapaz - de que o envelhecimento traz consigo a perda da sexualidade dos idosos.

Faz-se importante, no entanto, deixar claro que partimos de uma concepção de sexualidade para além do ato sexual, da genitalidade e das identidades sexuais e de gênero, sendo influenciada pela interação de inúmeros fatores. Assim,

A sexualidade é experimentada e expressada nos pensamentos, nas fantasias, nos desejos, na opinião, nas atitudes, nos valores, nos comportamentos, nas práticas, nos papéis e nos relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressadas. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007, tradução de Vera Lúcia do Amaral)



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

OBJETIVOS

Compreender como o envelhecimento relaciona-se com a experiência de vivência da sexualidade, em razão das mudanças físicas e comportamentais que ocorrem ao longo do ciclo de vida, assim como discutir como o envelhecimento, as crenças e as representações sobre a velhice impactam na experiência da sexualidade e examinar de que modo as mudanças vivenciadas com a velhice relacionam-se com a expressão da sexualidade neste período do ciclo vital.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, narrativa e autobiográfica que parte da análise de relatos coletados a partir de entrevistas semiestruturadas, juntamente a uma revisão de literatura com o propósito de refletir sobre a relação entre o processo de envelhecimento e a experiência subjetiva da sexualidade. As entrevistas foram realizadas com duas mulheres idosas profissionais do sexo aposentadas da cidade de Sobral-CE associadas à uma associação sem fins lucrativos: a ASTRAS (Associação Sobralense de Trabalhadoras do Sexo), bem como com a atual tesoureira e coordenadora da associação. Os relatos foram gravados pelos pesquisadores, somente após autorização das entrevistadas mediante termo de consentimento. Destarte, ressaltamos que neste material não foram expostos os nomes reais das entrevistadas, sendo utilizados codinomes escolhidos pelos autores.

Ametista, de 68 anos, e Turmalina, de 72 anos, são profissionais do sexo aposentadas associadas à ASTRAS, desde à fundação da associação, já Cristal, que não quis a idade identificada, é a atual tesoureira e coordenadora do ASTRAS, sendo responsável pela fundação da associação.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Conforme citado anteriormente, o presente trabalho foi desenvolvido por meio da realização de uma entrevista semiestruturada, a qual versava sobre história de vida e sobre a sexualidade na velhice. Os dados das entrevistas foram analisados à luz da perspectiva narrativa, a qual pretende compreender a experiência do sujeito narrador sobre o fenômeno estudado, contextualizando a vivência narrada social, histórica e culturalmente (SOUSA; CABRAL, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicialmente, questionamos sobre a história de vida das participantes, as quais serão ilustradas a seguir.

Ametista nos conta que saiu de casa precocemente após ser expulsa por seu pai por ter se relacionado com um rapaz, o que era proibido para ela. Posteriormente, foi abandonada pelo companheiro com quem fugira. Então, a convite de uma amiga começou a frequentar festas em busca de homens que pagassem por sexo. Lembra ainda que a prostituição a possibilitou conhecer os homens com os quais chegou a ter uma união estável, mas que todas as vezes, por diferentes motivos, retornava à prostituição para fugir da submissão no lar.

Turmalina relata que saiu de sua cidade natal, no Maranhão, também muito jovem, aos 15 anos de idade, pois sua mãe costumava açoitá-la amarrada a um pau. Nessa época, foi convidada por um homem mais velho a trabalhar de doméstica em sua casa, no Piauí, onde desenvolveu um relacionamento amoroso com ele. Desde então, começou a ter casos com vários homens mais velhos, e depois, a ganhar dinheiro com isso. Foi quando se assumiu trabalhadora do sexo e passou a ganhar a vida viajando de cidade em cidade.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Cristal descreve que surge como fundadora da ASTRAS com o objetivo de combater a prostituição infantil, assim como a exploração de profissionais do sexo em todo os aspectos, proporcionar aos associados integração na sociedade combatendo a discriminação e os atos lesivos aos direitos humanos, buscar integração com entidades representativas de saúde no combate às DST \ HIV - Aids, e promover atividades socioeducativas e de humanização às trabalhadoras do sexo.

Durante as entrevistas, a questão do envelhecimento como aspecto negativo para a continuidade das atividades como prostituta ficou bastante evidente. Aqui, fica claramente desenhado para nós como a selvageria do mercantilismo atinge mais cedo essas mulheres. O descrédito com a profissão, muitas vezes mantida em sigilo, acaba por afastá-las de um contato social que as oriente acerca de questões básicas como planejamento financeiro. Além disso, os maus tratos físicos e psicológicos aos quais se submetem as trabalhadoras do sexo se configuram como mais um agravante desse quadro, que também conta com a constante busca por prostitutas mais novas por parte dos homens. Aos 40 anos, elas já não podem mais contar com a prostituição como uma segura fonte de renda, ou seja, muitas trabalhadoras do sexo aposentadas, ou mesmo que não conseguem mais trabalho, ficam sem auxílio.

Contudo, estar fora do mercado do sexo não é visto como algo totalmente negativo. Debert (2012) conta que mulheres mais velhas afirmam em diversas entrevistas que se sentem libertas da “obrigação” de praticar sexo. As entrevistadas por nós afirmam isso em algumas passagens de suas falas, como a da Turmalina (2018), ao afirmar que não sentia mais falta de relações sexuais: “A vontade passou a vontade”. O mesmo aspecto se reflete na fala da Ametista (2018) ao responder a mesma pergunta: “Eu não, não quero mais não. É porque eu não quero. Não dá vontade. Não quero mais não, de jeito nenhum. É porque eu não quero mesmo”.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

Dado exposto, nos cabe uma reflexão sobre a erotização da velhice e as mudanças na sexualidade sugeridas por essa fase do ciclo de vida. É proposto pela união dos discursos entre sexologia e gerontologia que, nessa etapa, a sexualidade pode se manifestar de modo mais gratificante que outrora. Como pudemos observar, tratando a sexualidade de forma independente à idade, é inserido quase que automaticamente um discurso livre da hegemonia do genital. Essa mudança é inferida pela diminuição do vigor fisiológico experimentado na velhice, situação que convida os idosos a redirecionar sua libido a outras “zonas” erógenas do corpo, que acabam por representar quase sua totalidade.

Ao nos defrontarmos com a questão do corpo na velhice, é válido reiterar que “o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer outra idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence.” (BEAUVOIR, 1990, p. 15). Assim, para Blessmann (2004, p.21), diante das mudanças que ocorrem no corpo com o envelhecimento, o processo de envelhecer aparece relacionado a perdas no quesito da beleza, se afastando do corpo idealizado socialmente, que é cultuado como jovem, belo e forte. Essa perspectiva contribui com o adoecimento de muitas pessoas que vivem problemas na relação com o próprio corpo, sendo comuns transtornos de autoestima relacionados com a cultura do corpo, já que a beleza ideal do corpo juvenil é distante do corpo experienciado com as marcas do tempo e da vida. Ametista (2018) nos relatou que se sente mal com o próprio corpo, tanto por não estar mais em forma, como por estar doente. “Feio”, “horroroso” e “gordão” foram os adjetivos usados para qualificar o seu corpo atual, além da reclamação de hoje possuir o “kit completo”: “diabete, pressão alta, colesterol e todo o bicho do mundo”

Embora para essas mulheres o culto ao corpo jovem tenha um peso maior devido a sua estreita ligação com suas profissões, uma delas deixa transparecer fortes traços de



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

autoestima elevada quando diz que sempre se sentiu bonita, quando se impõe no modo de falar, gesticular, quando tem segurança em sua fala livre de pudores, quando afirma gostar de fazer as unhas e tomar banho de lua. São nesses atos de zelo por si que reconhecemos a expressão de sua sexualidade e satisfação pessoal, desvinculada de uma ideia de genitalidade e relação sexual explícita.

A partir dessa queda da genitalidade, observamos, também, uma inflexão na concepção dos papéis sociais relacionados à sexualidade designados a homens e mulheres. Principalmente pela decadência estrutural do pênis, o homem é estimulado a experimentar uma sexualidade um tanto quanto distinta da que ele era comumente alvo, uma sexualidade estritamente ligada ao falo e que tem como marca uma repressão a outras formas de obtenção de prazer, especialmente no homem heterossexual. No caso das mulheres, essa inflexão se dá pela sensação de autonomia e liberdade sexual que a velhice propõe, afinal, espera-se que não se sintam mais presas à “reputação”, à criação dos filhos, à ideia de satisfazer primeiro o parceiro e depois a si.

Ancoradas nessa liberdade de expressão de si, essas mulheres nos apresentam, indo contra um discurso que coloca a velhice em um lugar solitário, uma extensa rede relacional que não está diretamente ligada ao ideal de família tradicional ou de relacionamento amoroso. É comum dentro de nossa sociedade a ideia de que é preciso um companheiro (a) para não se tornar solitário e filhos para nos cuidarem quando estivermos velhos, entretanto essa necessidade não se mostra para elas. Ametista e Turmalina, por exemplo, não se encaixam no que convencionalmente se busca na terceira idade - conforto familiar e afetivo - suas relações se mostraram mais ligadas a amigos, aos encontros na associação ASTRAS, a vizinhos e até mesmo a animais de estimação.



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG [v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões realizadas neste trabalho, pode-se perceber que ainda que o envelhecimento seja uma realidade presente no ciclo de vida de cada sujeito, estes estão suscetíveis a seleção de determinadas formas de experimentar esse processo, de experimentar a própria sexualidade. O que se observa nas narrativas das mulheres entrevistadas é a presença de uma nova forma de exercê-la, substituindo o protagonismo do ato sexual e da penetração pelo autocuidado, ou seja, uma sexualidade que se apoia não no sexo, mas na construção de uma autoestima que dê conta das transformações físicas e comportamentais inerentes ao envelhecimento. Não obstante, mesmo com a presença cada vez mais forte do discurso do bom envelhecimento, ainda há traços presentes do peso social que o estágio da velhice carrega, e isso se encontra presente na fala de duas das entrevistadas quando elas contam sobre a admissão de estratégia para negar essa “inutilidade social” assumida muitas vezes pelo papel do mais velho.

Palavras-chave: Envelhecimento; Sexualidade; Subjetividade

REFERÊNCIAS

- AMARAL, V. L. **Psicologia da educação**. Natal, RN: EDUFRRN, 2007. 208 p.: il.
- BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BLESSMANN, E. J. **Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice**. Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento, Porto Alegre, v. 6, p. 21-39. 2004.
- DEBERT, G; BRIGEIRO, M. **Fronteiras de Gênero e a Sexualidade na Velhice**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, n. 80, p. 37-54, 2012.



CADERNOS CRSG

CADERNOS DE PESQUISAS MULTIDISCIPLINARES SOBRE
CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO

V.2, N.1, jan./abr. (2020)

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG
[v.2, n. 1, jan.-abr.2020]

_____. **Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice.** Textos didáticos, n. 13, p. 7-30, 1994.

SOUSA, MARIA GORETI DA; CABRAL, CARMEN LÚCIA DE OLIVEIRA. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores.** Horizontes, v. 33, n. 2, p. 149-15